

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR



ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	5600 "
Para o Brazil, por anno.	2\$000 "
Para a Africa, por anno.	1\$200 "
Numero avulso.	30 "

Anunciam-se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Manuel Luiz.

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha.	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello.	10 "

Originæes sejam ou não publicados não se restituem. Annuncios permanentes e communicados preço convencionado.

CASTANHEIRA DE PERA

(RIBEIRA DE PERA)

VIII

A seguir descendo, como até aqui, ao longo da Ribeira, encontra-se a fabrica da Retorta, fundada pelos srs. Domingos Correia de Carvalho, Manuel Alves Bebianno, José Joaquim Rodrigues Correia e Domingos da Encarnação Coelho, todos de Castanheira de Pera.

Dos quatro existe o primeiro e com excepção do segundo eram todos cunhados.

Pelo fallecimento dos fundadores, Manuel Alves Bebianno, de José Correia e Domingos Coelho, passaram as partes respectivas para os seus herdeiros, sendo actualmente pertença de 13 pessoas. E' uma necessidade, a bem de todos e do publico, liquidar de facto a sociedade da fabrica da Retorta, pois que de direito se acha a mesma dissolvida pelo fallecimento da maior parte dos socios fundadores. Como está, é impossivel continuar. Estamos convencidos, e como nós todas as pessoas de senso na Castanheira, que, se não fôra o prestigio, respeito, consideração e energia do socio sr. Domingos Correia de Carvalho, já d'ha muito estaria em ruínas.

E' preciso acrescentar que não é por falta de meios dos restantes donos, que todos os têm mais do que sufficientes para o movimento da fabrica. O numero d'elles é que é demasiado grande para a sua exploração, principalmente pela forma como esta se faz (um certo numero de arrobas por cada socio).

E' muito bem situada, com bom local e optima queda.

E' de cardação, fição e ultimação em pequena escala, podendo facilmente converter-se n'uma fabrica de maior importancia.

Segue-se-lhe a da Foz, fundada por Jacinto Baeta das Neves, Manuel das Neves Junior e José Fernandes, todos da Castanheira de Pera, a qual fica muito perto da anterior.

Tem estado parada ha mais de 10 annos e ultimamente estava quasi em ruínas.

Foi comprada ha pouco tempo pelos srs. José Alves Bebianno e Julião, aquelle da Castanheira de Pera e este do Troviscal, que estão procedendo á sua restauração e ampliação. São dois artistas distinctos. O sr. José Alves Bebianno foi empregado da fabrica dos Esconhaes, de seu tio Visconde de Castanheira de Pera, aonde adquiria fama de tintureiro consagrado, e o sr. Julião era o mes-

tre das cardas na importante fabrica dos Rapos.

Agoura-se bom resultado á fabrica da Foz, pelos elementos especiaes que concorrem nas pessoas dos donos actuaes, aguardando-se com bons desejos que venha a tornar-se uma fabrica importante. Oxalá.

Abelheira é o nome da fabrica mais antiga que existe na Ribeira de Pera. Data de 1861, fundada por José Antão e Manuel Henriques dos Santos, da Gestosa Fundeira. De pequeno movimento, tinha sómente cardação e fição. Pertence aos srs. Manuel Fernandes de Carvalho, de Castanheira de Pera e Antonio Fernandes Junior, de Gestosa Fundeira. No mesmo local ha mais duas fabricas, tambem de pequeno movimento, uma pertencente ao sr. José da Silva Junior e outros, do Troviscal, e a outra em ruínas, por um incendio, haverá pouco mais ou menos um anno e é pertencente á familia Henriques dos Santos, da Gestosa Fundeira.

Na ordem topographica no sentido norte-sul existe a fabrica dos Rapos, a ultima n'essa mesma ordem, que não na sua importancia, pois deve valer quantia superior a quarenta contos de reis. Foi fundada pelo sr. Visconde de Castanheira de Pera, e já duas vezes devorada por dois pavorosos incendios. E' administrada, como todos os bens do sr. Visconde, pelo seu genro o sr. D.º Baeta Neves.

Sob a administração do sr. D.º Baeta Neves foi beneficiada com um lavadouro, moinho de fazer farinha e deposito para as lãs dos freguezes, constando-nos que pretende melhorá-la com illuminação a luz electrica.

Merece todos estes melhoramentos. E' de cardação e fição e a de maior produção actualmente em toda a Ribeira.

Recapitulando temos na Ribeira de Pera as seguintes fabricas de lanifícios:—Duas nas Sernadas, uma no Bollo, uma na Varzea, uma no Safrujo, uma nos Pereiros, a dos Esconhaes, a da Retorta, a da Foz, tres na Abelheira e a dos Rapos, sem contar as casas dependencias d'estas.

Diz-se que o governo em virtude da quebra do accordo entre progressistas e regeneradores para estes ultimos não preencherem as vagas existentes na camara alta, reservando-se essas vagas para os progressistas, se resolveu preencher-as com gente sua e que serão os srs.: D.

Thomaz de Vilhena, Emygdio Navarro, Marianno de Carvalho, Visconde da Torre, Cabral Moncada e Luiz Pereira da Costa.

O sr. presidente do conselho, prohibiu a todos os empregados do ministerio do reino, que forneçam noticias dos despachos á imprensa. Ha de ser attendido, deixe estar.

Mas a razão de tal proceder? A este respeito a resposta da *Epooca* é boa e por isso a transcrevemos:

«Não commentamos o facto, mas parece-nos que sua ex.ª deveria ter começado por expedir essa ordem... a si proprio!»

Sobre o caso da herança Esteves Ribeiro, em que se salientou na *escroquerie* d'esta herança, o triumpho eleitoral e mais cousas etc. e tal, o conhecido Joaquim d'Araujo, sabe-se que será difficil a captura d'este sujeito, por isso que já passou a fronteira a são e salvo.

A proposito do caso da fraude das fabricas de cerveja e de outras cousas que taes, transcrevemos da *Epooca* o seguinte:

OLHO VIVO

Luizinha.

Quem sabe? Olhe, meu bem, ceiteiro que faz um cesto...

Lá que faz desconfiar, faz...

O caso da *peste bubonica* creou a inspecção sanitaria; agora, as falsificações, criam a nova *biblia sanitaria*...

O caso da *candonga* da cerveja descobre-se, justinho, quando rosnam os zuns contra a inspecção dos impostos e já se ia dando como certa a *reforma* (sempre esta sinistra palavra!) do respectivo inspector... que

Tudo isto nos faz lembrar aquelle reitor das *Pupilas do mesmo*, apparece sempre a proposito!

A *arte* anda tão aperfeiçoada, que tudo é possivel, embora seja muito extraordinario...

O' Luiza, ó Luizinha,
Tua agulha me picou:
Tu dizes que não é nada,
Ao coração me chegou.

A mim não m'enganas tu!
A panella ao lume, e o arroz 'stá cru!

Virgem Senhora das Precas,
A quem dou a carta a ler:
Não ha coisa n'este mundo,
Que se não venha a saber!

Já tomou posse do cargo de inspector dos impostos, em substituição do sr. Jeronymo de Vasconcellos, que se acha em gôzo de licença, o sr. coronel Avellar Telles.

Sahidas

No gôso de 30 dias de licença, sahio para Cantanhede, sua natmralidade, o meretissimo juiz de direito d'esta comarca, sr. D.º João Dias da Costa Ribeiro.

Sahiram para a Figueira da Foz, o sr. D.º Accacio Sande Marinha e sua ex.ª familia, onde vão fazer uso de banhos.

Para a mesma praia egualmente sahiram o sr. Elycio Nunes de Carvalho Noronha e sua ex.ª familia.

Para a praia de Vieira, sahio a ex.ª sr.ª D. Etelvina d'Azevedo Serra, digna professora official d'esta villa.

Anniversarios

Passou no dia 1.º do corrente o anniversario natalicio da ex.ª sr.ª D. Emilia Augusta Barba de Lencastre.

A sua ex.ª enviamos os nossos sinceros parabens.

Tambem fez hontem o seu primeiro anniversario o filhinho do sr. Joaquim Miguel de Carvalho d'esta villa.

A seus extremosos paes apresentamos o nosso cartão de parabens, desejando á interessante creança um ridente futuro.

Vieram passar algum tempo em Pedrogam Grande, em companhia de sua ex.ª familia, o sr. Alberto Eugenio de Carvalho Leitão, escrivão da 5.ª vara civil de Lisboa, sua ex.ª esposa e filhos.

Na quinta feira d'esta semana vieram a Figueiró visitar algumas pessoas de suas relações, onde o sr. Alberto Leitão exercen o lugar de escrivão de direito, e deixou muitas sympathias. No mesmo dia retiraram para Pedrogam.

Cumprimentamos suas excellencias.

O sr. conselheiro João Arroyo, tomou posse ha dias do cargo de vogal do Tribunal de Contas, vago pela morte do sr. Elvino de Brito.

Nas dioceses do reino ordenaram-se este anno 255 padres!

A' situação a que chegámos, só com rezas pederemos sahir do atoleiro em que estamos mettidos.

APICULTURA

A agua e as abelhas

É raro o apicultor que, ao instalar um colmeal, se preoccupa com fornecer ás abelhas um bom deposito de agua, onde ellas possam ir buscar aquella de que diariamente carecem.

Pois isto merece tanta attenção como a orientação e o abrigo das colmeias, assumptos estes a que os apicultores, em geral, só procuram attender, não se recordando que as abelhas carecem de muita agua e, não a tendo perto, vão forçosamente procural-a longe o que, além da perda de tempo, e portanto de colheita, as sujeita aos ataques de aves, reptis, batrahios e insectos que d'ellas fazem apreciavel prêsas. Mesmo as abelhas tendo de ir colher agua a logares pouco adequados para isso, morrem frequentemente afogadas, o que não aconteceria, se houvesse cuidado em lh'a dar, nas devidas condições perto do colmeal.

Para isso deve fazer-se, a tres ou quatro metros de distancia do colmeal, uma pia extensa e de mui pequena profundidade, onde se deita agua que carece ser diariamente renovada.

E para que, apesar da reduzida profundidade que a pia deve ter, as abelhas se não afoguem, convem deitar na agua fragmentos de cortiça ou pequenas palhas que sirvam de boia de salvação ás abelhas por descuido cahidas no liquido.

É muito facil cahirem á agua as abelhas encarregadas de a apanharem, por isso que a colheita da agua é o primeiro trabalho que as obreiras

realisam poucos dias passados após a sahida dos alvéolos. Estão portanto pouco práticas ainda e assim sujeitas a mais accidentes que as já habitua-das á colheita pelos montes e pelos campos.

Mesmo estando acostuma-das as abelhas a irem colher agua sómente ao reservatório que o apicultor lhes facultar junto do colmeal, é facil calcular a colheita diaria do nectar pela quantidade das aguadeiras empregadas; por isso que, quanto maior fôr a quantidade de nectar recolhido tanto menos carecem de agua, visto o nectar ser muito aquoso e portanto menos abelhas obreiras estão atarefadas na apanha da agua.

A agua é utilizada pelas abelhas para dissolver o mel que estiver muito espesso e para preparar a alimentação das larvas, alimentação que é composta de póllen, mel e agua.

O illustre apicultor francez Layens, em experiencias que ficaram célebres, relativamente á colheita e uso da agua pelas abelhas, verificou que 40 enxames, de 10 de abril e 31 de julho absorveram 187 litros de agua, tendo em um só dia, absorvido 7 litros.

D'aqui podem facilmente os apicultores deprehender a necessidade que ha em existir junto de todos os colmeaes bôa agua, em pequenos reservatórios onde as abelhas não possam morrer afogadas.

Eduardo Sequeira.

(Da «Gazeta das Aldeias»).

No domingo preterito teve lugar na freguezia da Graça, a festividade ao Coração de Jesus.

Foi ati tocar a philarmonica Figueiroense.

Estava ella um dia trabalhando ao canto da lareira, balouçando-se nas lembranças do passado. Tristezas e alegrias da sua existencia perpassavam-lhe alternativamente na memoria; numerozo cortejo, em que raro surgia algum sorriso no meio de tantas lagrimas. Dão as nove horas.

Subito, abre se a porta da rua e entra um homem. Ao vê-lo a tia Cordier ergue-se sobresaltada, e procura entrincheirar-se atraz de um movel. Effectivamente o aspecto do desconhecido nada tinha de tranquilizador: barba comprida, longos cabellos em desalinho, rosto cavado e de extrema pallidez; chapeu de feltro desabado, calças grosseiras e uma comprida blusa de lã preta apertada na cinta.

O homem fechou a porta, tirou o chapeu e avançou.

—Não tenha medo—lhe disse elle n'uma voz commovida.

O timbre d'aquella voz fez estremecer a velha.

—Pois não me conhece?—tornou elle n'um tom doloroso.—Assim estou tão mudado?

—Não, não conheço!

—Ora olhe bem para mim! Sou Estevão, o seu filho Estevão!

Lei do sello

Começou a vigorar no 1.º do corrente a nova lei do sello.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o respectivo regulamento, na parte que lhes possa interessar, e livrarem-se das aduncas gar-ras do fiseo.

Regressaram da Figueira da Foz, onde durante o mez de agosto estiveram a banhos, o sr. Manuel Rodrigues Perdigão e suas ex.^{mas} esposa e filhas.

Desastre

Manuel da Conceição, o Topinho, trazendo na algibeira da calça uma pistola de dois cannos, esta desapareceu-se, indo alojar-se duas ballas na barriga da perna direita, que lhe foram extrahidas pelo medico do partido, sr. D.^r Adelino d'Araujo Lacerda.

O nosso assignante de Lisboa, sr. Manuel Antão, veio passar algum tempo, em Castanheira de Pera, terra de sua naturalidade.

Fallecimentos

Na sexta feira da semana preterita, falleceu n'esta villa o sr. João Ferreira, que ha pouco havia chegado de S. Thomé, em resultado de doença ali adquirida.

Enviamos á familia do finado os nossos sentidos pezames.

×

Victimado por um typho, e na idade em que a vida lhe corria tão esperançosa, finou-se no 1.º do corrente, na sua casa do Casal dos Bufos (Pedrogam Pequeno), o sr. Aurelio Henriques David.

Destinava-se ao curso juridico, de que fez acto do 1.º anno no mez de julho ultimo.

Que descance em paz, e á sua inconsolavel familia, endereçamos as nossas condolencias.

—Estevão! Estevão! Oh! Deus de Misericordia!—exclamou a tia Cordier cahindo n'uma cadeira.

—E agora, reconhece-me?—perguntou elle alegremente.

Elle respondeu com um gemido abafado. Elle ergueu-se por sua vez sobresaltado, olhando em volta.

—Mas Celina, onde está ella?—perguntou.

A tia Cordier escondeu o rosto nas mãos.

—Oh! que enorme desgraça! Minha mulher morta!—exclamou elle mal podendo ter-se de pé, como ebrio.

—Mas responde, mãe, responde-me!—continuava em voz rouca.

—Estevão! a Celina não morreu!—balbuciou a tia Cordier.

—Ah!—exclamou elle, apoiando-se a um movel, soluçando.

—Oh! meu Deus! Tende piedade de nós!—murmurava a velha.

Passado um momento, e tendo conseguido serenar, aproximou-se da tia Cordier e sentou-se.

—Mãe—disse elle—pela primeira vez na minha vida acabo de sentir um terror. A' ideia de que Celina já não viveria, pareceu-me que tudo desabava sobre mim, para me esmagar... Mas, não me diz nada? Falle,

Agradecimento

O penhor mais puro e mais sagrado que temos para galardoar aquelles que nas horas de afflicção nos vêem obsequiosa e magnificientemente socorrer, é sem duvida o preito sincero da nossa verdadeira e profunda gratidão.

Assim é pois, que, vindo agora o destino cruel e audacioso envolver-nos a alma em gélidos crepes d'uma saudade indelevelmente immensa, ao arremessar-nos da existencia para o desconhecido, o ente por quem sempre nutrimos a amizade mais religiosa e santa, nosso querido filho e irmão —Antonio d'Andrade Albuquerque— não podemos de fôrma nenhuma deixar de vir testemunhar bem alto o nosso franco e infinito reconhecimento, a todas as pessoas que, desde a primeira manifestação de doença até ao exalar do seu ultimo suspiro, fraternal e carinhosamente o rodearam, prodigalizando-lhe incansaveis, todos os disvelos e todos os cuidados que inspirava, e igualmente ás que foram acompanhal-o á sua morada ultima. E já que essas pessoas d'alma nobre e coração bondoso quizeram estender até nós os raios salutareos da sua inexgotavel Piedade, conferindo-nos em lenitivo á dôr, a sua carinhosa companhia, as beneficas palavras de conforto, e tantos outros inumeros obsequios que não se podem descrever, mais sentimos avolumar-se-nos o sentimento leal de gratidão com que sumamente penhoradas e respeitosa-mente vimos protestar-lhes os nossos ardentes e sinceros votos de agradecimento.

Figueiró dos Vinhos,
3-9-1902.

Maria Emilia Ribeiro d'Albuquerque
e
Maria Carlota d'Andrade Albuquerque

De passagem para Lisboa, esteve quarta feira d'esta semana n'esta villa, o bemquisto commerciante e industrial de Castanheira de Pera, sr. Manuel Joaquim Pereira.

mãe! não está contente por tornar a vêr-me?

A tia Cordier não podia articular uma palavra.

—É singular! continuou elle.— Esperava outro acolhimento... Dir-se-hia que sou um estranho... A Celina foi passar a noite a casa de algum visinho? Mas os pequenos?... estão ali, a dormir, decerto.

E apontava para a porta da alcova.

—Oh! Estou ancioso por abraçal-os.

Ergueu-se, pegou no candieiro e encaminhou-se para a alcova onde contava eneontrar os filhos.

—Estevão, os pequenos não estão cá—disse a tia Cordier.

—Não comprehendo! que quer dizer?

—Celina e elles já não estão comigo.

—A Celina deixou-a a si, sua mãe! Que houve então!

—Estevão! Estevão!... Ai que desgraça a minha!

—Isso não é responder. Diga-me onde está Celina! Vamos, então!

A velha apumou-se, lentamente.

(Continúa).

11) FOLHETIM

EMILIO RICHEBOURG

Historia de dois amigos

Tradução de JULIO GAMA

VII

Corria o mez de fevereiro, um dos mais tristes do anno. N'isto pensava a tia Cordier, a mãe de Celina, que se sentia bem isolada desde que ella havia casado. Certo é que lhe tinham offerecido um aposento na quinta; mas antes quizerá ficar na sua casinha, cheia de queridas recordações. Era com essas recordações que ella se entretinha, suavizando a sua solidão. Além d'isso, habituada ao trabalho, comquanto não tivesse de preoccupar-se com o dia seguinte, já-mais estava ociosa. Era ainda esse um meio de passar o tempo. Concertava a roupa da quinta, fiava o canhamo e o linho, arranjava os vestidinhos dos gêmeos, fazia-lhes os coturninhos.

SECÇÃO LITTERARIA

OS LADRÕES

I

—O meu amigo acredita no remorso como primeiro castigo do criminoso?... perguntava-me ha dias o meu velho amigo Salomão Godinho, que é fonte inexgotavel de bellas anedoctas comprovativas de moralissimas theorias.

—Eu não, senhor... respondi muito seccamente; —Não! Porque—volveu-me elle espantado.—Pois o senhor não acredita no remorso como consequencia immediata do crime?

—Não, senhor: acredito no medo do castigo como primeiro castigo do criminoso, isso sim... Agora, no remorso, acredito—como ultimo castigo...

—Pois está muito enganado... —Estarei. —Não tenha duvida de que o está. Sabe o meu amigo o que aconteceu a semana passada ao João José? —Quem é o João José? —O João José é aquelle penhorista alli da esquina da rua...

—Não conheço, mas é o mesmo... O que foi que lhe aconteceu? —Aconteceu-lhe exactamente uma coisa que prova á evidencia que o remorso é o primeiro castigo do criminoso. Quer ouvir? Eu lhe conto...

II

O meu amigo Salomão principiou contando:

—O João José é um agiota, um usurario, que empresta dinheiro sobre penhores a noventa por cento e que tem enriquecido á custa dos pobres...

—E' sempre á custa dos pobres que os ladrões enriquecem... Adiante. —Nem sempre... Quando os ladrões roubam os ricos...

—Quando roubam os ricos e enriquecem com o roubo, deixam-n'os pobres...

—Bem; não discutamos, que não vale a pena, e voltemos ao João José. —Pois voltêmos. A D. Felizarda... —Quem é a D. Felizarda? —A D. Felizarda é uma pobre senhora, viuva e reduzida á ultima miseria pela morte do marido.

—Ah! sim... —Pois a D. Felizarda, alli á noitinha, ao accender dos lampeões, pegou n'um espelho de vestir, um espelho de magnifico crystal, muito embrulhado n'uma toalha, pôl-o á cabeça da mulher de recados e dirigiu-se com ella a casa do João José...

—O tal usurario? —Esse mesmo. Foi a casa do João José, porque elle fôra amigo do marido, que lhe prestou alguns favores enquanto vivo, e a pobre senhora pensava que a lembrança d'esses favores poderia influir no espirito do penhorista para não abusar da sua miseria.

—Sr. João José—disse ella—queria que o senhor fizesse o favor de me emprestar cinco libras sobre este espelho, que é um objecto de valor, como vê, e garante bem o emprestimo que lhe peço...

O João José examinou o espelho, passou por sobre o crystal um panninho, afim de se certificar que não tinha uma unica mancha, demorou-se na analyse da moldura dourada, a vêr se o tempo a não tinha donegrido, e por ultimo respondeu muito seccamente, quasi com mau modo:

—Espelhos... é uma coisa que póde quebrar-se... não vale a pena emprestar dinheiro sobre elles... De mais a mais, não tenho ahi onde o arrumar... Com isto não podemos fazer negocio...

—Sr. João José... pelo amor de

Deus... valha-me!—supplicava a infeliz viuva, aterrada com a ideia de ir ainda percorrer, até ao fim, a dolorosa via sacra da miseria exposta a novas humilhações e novas repulsas. O usurario fingiu compadecer-se. —Emfim... por ser á senhora—dou-lhe cinco mil reis sobre elle... Que isto é como quem os bota á rua! —concluiu.—Em leilão, não ha quem lhe pegue.

—Ao menos dez mil reis! —Nem mais um real... E ha de descontar os juros de um mez, que são trinta reis por corôa...

—Então... se não póde ser mais... faz o favor de me dar o que quizer —murmurou a pobre D. Felizarda com a voz summada pela afflicção e pela vergonha.

O usurario contou quatro mil seiscientos e noventa e entregou-os á infeliz. —Descontei tres tostões de juro e dez reis da cautella—disse elle.

A pobre senhora pegou no dinheiro e na cautella e saiu.

Feito este negocio, o João José foi arrumar o espelho, com todos os cuidados, ao fundo de um enorme salão, por entre trouxas de roupa, bengalas, guarda-chuvas, fardos de fazendas, que negociantes mandavam empenhar—todo um vasto deposito dos despojos das suas victimas.

—E' um espelho de lei!—murmurava elle.—Este cá fica e ha de render boa maquia...

III

A' meia noite, o João José fechou a caverna, trancou as portas e foi-se deitar.

A esposa, a Gertrudes, medrosa de incendios, recommendou-lhe que tivesse cuidado com a luz, e, no thalamo conjugal, os deus, depois de terem lançado contas ás operações do dia—como oração a Deus—dispunham-se a dormir, quando a Gertrudes perguntou:

—Puzeste as trancas na porta? —Puz. —Andam por ahi tantos ladrões! —Andam... não sei para que serve a policia!

E adormeceu. Pelas duas horas da madrugada, o João José foi despertado por um ruido estranho, que julgou ter ouvido na sala proxima.

Cuidando serem ladrões que tentavam arrombar a porta, o homem levantou-se em sobresalto, enverga o primeiro roupão que encontra a geito, accende luz e com o castiçal em uma das mãos e uma pistola, aperrada, na outra, dirige-se ao deposito dos penhores.

Abre a porta de repente, e recua aterrado, ao vêr no fundo da sala um homem com uma pistola voltada para elle.

Vêr o ladrão e apagar a luz, para que a bala lhe não acertasse, caso o intruso quizesse matal-o, foi uma e a mesma coisa.

Em seguida gritou á d'el-rei, pondo em alarme a vizinhança e a familia da casa, que todos acudiram aos gritos do pobre homem.

Indagado o caso, resolveu-se accendêr luz e prender o ladrão com o auxilio da policia, que um dos vizinhos fôra chamar.

Accende-se a luz, penetra-se na sala mas o ladrão não apparece.

Procura-se por toda a parte inutilmente, até que o dono da casa, entrando de novo na sala, grita:

—Elle lá está! Alli... alli... E apontava para o fundo.

Effectivamente, ao fundo, estava um homem de barba hirsuta e cabello em desordem, com uma pistola na mão.

Os circumstantes correm sobre elle, mas recuam de repente, soltando uma gargalhada unisona.

—Porque?—interroguei eu.

—Pois ainda não adivinhou!—disse-me o meu amigo Salomão.—O ladrão era elle, o João José que, esquecido da maneira como roubara a pobre viuva do seu amigo, julgara vêr um ladrão na sua propria ima-

gem, reflectida no espelho que lhe extorquiu.

—Tem graça!—disse eu. —Tem graça e prova aquillo que eu disse—tornou-me o Salomão sentencioso.—Foi o remorso que o accordou e o fez pensar em ladrões durante a noite...

—Perdão, amigo Salomão! Prova que o medo é o primeiro castigo do criminoso. O medo de que lhe roubassem o espelho, que elle tinha roubado, accordou-o; o medo fez com que elle se conhecesse, desconhecendo-se; o medo fêl-o gritar por soccorro; o medo finalmente, fêl-o suppôr victima de ladrões. Remorso! Remorso é arrependimento—e elle não se artependeu. Olhe lá se elle entregou o espelho á viuva...

—Isso não entregou. —Então foi medo, meu caro, não foi remorso... Oh! o remorso vem no fim... quando vem.

Esteve em Figueiró dos Vinhos o nosso presado amigo e distincto collaborador, sr. Eurico de Paiva, representante da acreditada firma—José de Figueiredo—(antiga casa Areosa), de Coimbra.

Tambem esteve n'esta villa o acreditado negociante do Porto, sr. Julio Alves da Silva, nosso presado amigo e assignante.

Empregado

Na fabrica de Chimpelles, necessita-se de um empregado competentemente habilitado para tomar conta da respectiva escripturação.

Quem pretender e estiver nos casos, póde dirigir-se directamente á nova firma—Ascensão, Godinho & Moreira.

Castanheira de Pera,

3.—Realisou-se no domingo passado, na nossa igreja, a festividade do Senhor. A's onze horas começou a missa vocal e instrumental, celebrada pelo muito digno Reitor d'esta freguezia, sr. Conego D.^o Eduardo Correia, subindo á tribuna sagrada, em seguida ao Evangelho, o nosso amigo reverendo P.^o José Rosa, de Campello, que agradou como sempre.

Na vespera foi queimado um lindo fogo d'artificio, apresentado pelo habil pyrotechnico David, da Certã.

Para maior esplendor d'estes festejos assistiu a philarmonica castanheirense que tocou admiravelmente.

Na sexta feira da semana passada, regressou da Figueira da Foz, onde foi passar o mez d'agosto, a ex.^{ma} familia do nosso amigo e intelligente pharmaceutico d'esta localidade, sr. Albino Ignacio Rosa.

A fim de fazerem uso de banhos durante o mez de setembro, partiram para a Figueira da Foz os srs. D.^o Manuel Diniz Henriques e Manuel Correia de Carvalho com suas ex.^{mas} familias.

No dia 2 do corrente foi rezada, na igreja matriz d'esta freguezia, uma missa, suffragando a alma da sr.^a Izabel Henriques Rosinha, esposa do sr. João Francisco Andrezo, que falleceu no dia 27 d'agosto ultimo.

Está de luto o digno medico d'este partido sr. D.^o Francisco Henriques David, pela morte inesperada de seu irmão Aurelio, estudante do 2.^o anno de direito da Universidade

de Coimbra. A'quelle illustre cavalheiro e a seu irmão o sr. D.^o Augusto Henriques David, o nosso carilão de profunda condolencia.

Tem passado levemente incomodado de saude o digno Reitor d'esta freguezia, snr. Conego D.^o Eduardo Correia.

Fazemos votos pelas suas promptas melhoras.

N.

EM FAMILIA

Massada mathematica

V. Ex.^a tem sido sempre a bella incognita do problema de toda a minha vida de cuja resolução depende o maximo divisor commum da minha felicidade.

O meu amor não é uma simples fracção; é um todo elevado ao quadrado. A minha unica aspiração é ser o coefficiente, que collocado ao lado de V. Ex.^a forme um numero par.

E se o meu amor adicionado ao meu carinho fôr igual ao affecto de V. Ex.^a, poderemos formar junctos uma equação que será preparada pelo padre, o qual, fazendo as vezes de algibrista, a transporá para segundo membro de minha familia, que consta de um só termo... Este seu apaixonado...!

Rogo-lhe, passe esta declaração para debaixo do radical da sua benevolencia, multiplicada pelo seu sentimento, para que o resultado assim obtido seja igual ao quadrado dos meus desejos.

Charadas novissimas

Este vestuario em Olhão é de homens—2-1.

Poles.

Em Roma este utensilio é um alimento—2-2.

Treples.

Não é cega a parenta da loucura—1-2.

Poles.

Este homem, comquanto compassivo é ladrão—2-2.

Ferrabraz.

Charada decapitada

O—quando foi á festa—porque encontrou lá—Maria.

Treples.

Logogrifo rapido

A mulher Mulher 1-2-3 4-5-6

Mulher

Treples.

Charada syncopada

Debaixo da barraca está uma ave—3-2.

Figueiró dos Vinhos.

Ferrabraz.

Decifrações do numero 260:

Charadas novissimas—1.^a, Milhano; 2.^a, Picão; 3.^a, Alvito; 4.^a, Salá; 5.^a, Calamidades.

Charada syncopada—Barraca.

ANNUNCIOS

Batáta

Vende-se uma porção de boa batáta, á arroba ou ao alqueire. Trata-se com Perdigão, em Figueiró dos Vinhos.

ARRENDAMENTO E SOCIEDADE

Por escriptura lavrada nas notas do tabellião Carvalho, d'esta comarca, aos 22 d'Agosto do corrente anno, constituiram-se em sociedade, em nome colectivo, pelo tempo de 6 annos, para a exploração de lanifícios—cardação, fição, teclagem e ultimação de fazendas—da fabrica de Chimpelles, pertencente á firma—Silveira & C.^a—d'este concelho: —José Lopes Ascensão, de Chimpelles; Antonio Godinho e José Duarte Moreira, da Lomba da Casa, todos da freguezia d'Aguda, d'este concelho; cuja sociedade para todos os effeitos legais farão uso da firma social

Ascensão, Godinho & Moreira.

VENDEM-SE

Uma caldeira de distillação intermitente, que leva 299 litros, em muito bom estado, e um machinismo de azenha, que se compõe de roda motora, carreto e roquete.

Este machinismo é muito solido e ainda não serviu.

Quem pretender, dirija-se a Manuel Mendes d'Abreu, em Figueiró dos Vinhos.

GAZ ACETYLENE

GAZOMETRO AUTOMATICO

VELLEZ

6 horas de luz deslumbrante por 30 reis!!

O *Gazometro automatico*, é o mais perfeito, o mais solido, o mais economico e o mais elegante.

O *Gazometro automatico*, só fabrica o gaz que precisa para o consumo, e por isso não tem o perigo de explodir, podendo ser collocado dentro de casa, occupando apenas o espaço de meio metro quadrado.

O *Gazometro automatico*, é construido n'um só corpo, tendo dois geradores, que funcionam conjunctamente ou em separado, podendo ser carregados sem se apagarem os bicos.

O *Gazometro automatico*, é muni-do d'um depurador, onde o gaz deixa todas as impurezas e vapor d'agua, conservando-se por isso a tubagem sempre limpa e não havendo intermitencias na luz, o que não succede com os demais aparelhos.

São pois estes gazometros preferíveis a qualquer outro systema, e para garantia do que se affirma, restitue-se a importancia da installação recebendo-se o pparelho.

Gazometro para 10 bicos com força de 15 velas cada um—15\$000.

Gazometro para 20 bicos com força de 15 velas cada um—30\$000.

Lampada gazometro portatil para um só bico, proprias para escriptorio—2\$500 reis.

Grande sortimento de candieiros, tulipas, abat-jours, globos, bicos, etc.—Carboreto de calcio de 1.^a qualidade.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

Francisco Cabral

OUREM

que se encarrega da montagem dos aparelhos em qualquer terra, por preços modicos.

ANTIGO HOTEL VIZIENSE

RUA DOS BACALHOEIROS,

N.º 139—2.º

—LISBOA—

Este acreditado estabelecimento, ultimamente muito melhorado pelo seu actual proprietario, Antonio do Carmo Caiado, é um dos que melhor servem, por preços relativamente baratos, a par de um esmerado asseio e demais condições que os hospedes podem exigir.

O Proprietario

Antonio do Carmo Caiado.

CASA VAULTIER

62—CAES DO TOJO—64

LISBOA

Depositaria da casa

G. Klene,

DE

BARCELONA

Fabrica todos os artigos de borracha, em todos os generos e feitios. Amiantor em corda e folha. Correame em couro. Balata, pello de camello, algodão e contechou. Oleos mineraes e muitos outros artigos para estabelecimentos fabris.

BERNARDINO DE FREITAS

com

Officina de Canteiro

CORREIO DOS CABAÇOS

CORTIÇA

Fornece cantarias com ornatos ou sem elles, á vontade do freguez.

Jazigos, por planta á vista, fornecida por elle ou pelo freguez, por preços convencioneados, mas sem competencia.

TYPOGRAPHIA

DE

F. ANTONIO D'AGUIAR

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESTA bem montada typographia, executa com promptidão, perfeição e modicidade de preços, todos os trabalhos do seu genero.

Tendo uma variada collecção de gravuras, de imagens, satisfaz immediatamente qualquer encomenda de estampas ou registos que lhe seja feita, enviando-os francos de porte, pelos preços seguintes:

100 registos	600 réis
200 "	1\$000 "
300 "	1\$400 "
500 "	2\$000 "
1009 "	3\$000 "

diminuindo assim o preço conforme a quantidade augmente.

Tem em deposito diversos impressos para as repartições do estado, cartorios dos juizos de Direito, e para particulares.

ALFREDO GALLIS

MALUCOS

ROMANCE SOCIAL

Um volume 500 réis

Assim se intitula o 5.º volume da —TUBERCULOSE SOCIAL— abordando-se n'elle o terrivel problema das taras hereditarias doentias, pela união de conjuges devorados por enfermidades que se reproduzem nos filhos.

Este livro é a historia intima de uma familia nas tristes condições expostas.

Pelo decorrer da sua acção, conclue-se que, evitar a continuidade da especie entre individuos enfermos, é um problema que deve ser ponderado séria e gravemente por todas as sociedades cultas.

Este problema encontra-se hoje em discussão scientifica e sociologica em todos os paizes da Europa.

- I—Os Chibos, 1 vol. 500 reis
- II—Os Presdestinados, 1 vol. 500.
- III—Mulheres Perdidas, 1 vol. 500.
- IV—Decadentes, 1 vol. 500 reis.

LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho—Editor—Rua da Prata, 158. 160—Lisboa.

BIBLIOTHECA AMENA

Publica-se um romance por mez
Preço 200 réis

E' a empresa que em Portugal offerece melhores e maiores volumes por menos dinheiro
SAHIU O N.º 3

PECCADORA

IMMACULADA

Admiravel romance de LINO & GALLUS traduzido por ANNIBAL PASSOS.

A' venda em todas as livrarias e kiosques e na casa do EDITOR—Centro de Publicações de Arnaldo Soares—Praça de D. Pedro—PORTO.

A AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de Eduardo de Noronha

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 réis—cada fasciculo

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á—Secção Edotirial da Companhia Nacional Editora—Largo do Conde Barão, 60, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

ROCHA MARTINS

MARIA DA FONTE

GRANDE ROMANCE HISTORICO

Edição de luxo, acompanhada de bellissimas photo-gravuras dos principaes personagens da epocha e com primorosas illustrações de—Roque Gameiro e Alfredo Moraes—editada pela—Empreza Eeditora e Typographica—de João Romano Torres, rua de D. Pedro V, 82 a 88—LISBOA.

Divide-se a obra em 3 partes, com os titulos:

- 1.^a—Os Guerrilheiros.
- 2.^a—Torpeza Real
- 3.^a—Maria da Fonte.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em Lisboa, Porto e nas diversas localidades da provincia onde a Empreza tem correspondentes, será distribuido semanalmente um fasciculo,—sempre illustrado,—ao preço de 40 réis. Mensalmente distribuir-se ha um tomo, pelo preço de 200 RÉIS.